

Recebido em: 13/05/2021
Aprovado em: 31/05/2021
Publicado em: 15/07/2021

RORTY E SCHAFFER
afinidades eletivas em torno da psicanálise freudiana

RORTY AND SCHAFFER
elective affinities around Freudian psychoanalysis

Orlando Pinho Guerra Filho¹
(opguerra@hotmail.com)

Resumo: O presente artigo tem como propósito identificar e articular pontos de contato entre as interpretações da psicanálise freudiana do filósofo Richard Rorty e do psicanalista Roy Schafer. Interessado na contribuição de Freud para a reflexão moral, o primeiro elabora sua interpretação pondo o acento no aspecto conversacional das instâncias psíquicas. Assim, ego, superego e id são entendidos por Rorty como “quase-pessoas” com crenças, desejos e intenções. Por sua vez, Roy Schafer explora a psicanálise a partir da revisão da linguagem metapsicológica freudiana, através de uma versão hermenêutica e narrativa da psicanálise. Propomos que, entre a leitura que Rorty faz de Freud e a versão narrativa da psicanálise por parte de Schafer, há certa “afinidade eletiva” entre os dois pensadores, que consiste no abandono da metapsicologia freudiana através de uma versão antiessencialista da psicanálise.

Palavras-chave: Redescrição. Linguagem-ação. Psicanálise.

Abstract: This article aims to identify and articulate points of contact between the Freudian psychoanalysis interpretations of the philosopher Richard Rorty and the psychoanalyst Roy Schafer. Interested in Freud's contribution to moral reflection, Rorty elaborates his interpretation, emphasizing the conversational aspect of psychic instances. Thus, ego, superego and id are understood by Rorty as “quasi persons” with beliefs, desires and intentions. Roy Schafer, for his part, explores psychoanalysis beginning with the revision of Freudian metapsychological language through a hermeneutic and narrative version of psychoanalysis. We propose that between Rorty's reading of Freud and Schafer's narrative version of psychoanalysis, there is a certain “elective affinity” of the two thinkers that consists in abandoning Freudian metapsychology through an anti-essentialist version of psychoanalysis.

Keywords: Redescription. Action-language. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Em *Philosophy and the Mirror of Nature* (1979), Richard Rorty lança críticas contra a ideia de que “possuímos uma natureza profunda, oculta, metafisicamente significativa que nos

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3504573411362637>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1813-0033>.

torna ‘irredutivelmente’ diferentes de tinteiros ou átomos” (RORTY, 1979, p. 373), ou seja, que possuímos uma natureza humana. O significado ético dessa questão foi pensado mais tarde, quando Rorty desenvolveu seu conceito de “contingência da individualidade” em *Contingency, Irony, and Solidarity* (1989). Na verdade, o caminho havia sido preparado em dois artigos anteriores: *Freud, Morality, and Hermeneutics* (1980) e *Freud and Moral Reflection* (1986)². Como indicam os títulos, ambos artigos têm Freud como personagem principal e figura central na elaboração rortyana sobre individualidade e moral.

Para Rorty, o *self* é uma “teia sem centro de crenças e desejos” (RORTY, 1991, p. 1) ou um “conjunto coerente e plausível de crenças e desejos” (RORTY, 1991, p. 147). Tal descrição foi possibilitada por Freud, pois foi ele quem rejeitou a ideia de um ser humano paradigmático e, portanto, da própria necessidade de uma teoria da natureza humana. (RORTY, 1989, p. 35). Segundo Rorty, o criador da psicanálise nos dá uma maneira de nos ver como poetas empenhados no ato de criar a própria maneira de encarar a vida, a própria história, nosso próprio eu.

Como sabido, a psicanálise tem sido objeto de controvérsia ao longo de sua história. A validade epistemológica da interpretação clínica, a sua metapsicologia e o seu método foram todos sujeitos a debate. Esses debates foram formulados em vários termos e em várias dimensões: psicanálise é ciência ou não?³ A psicanálise oferece causas ou razões? Oferece uma “verdade histórica” ou “verdade narrativa”?⁴

O trabalho de Roy Schafer faz parte desse debate e começa com a revisão da linguagem metapsicológica de Freud, através de uma versão hermenêutica e narrativa da psicanálise⁵. No seu *A New Language for Psychoanalysis* (1976), ele argumenta que sua linguagem-ação providenciaria uma solução para os problemas que envolvem a metapsicologia freudiana, que consiste basicamente em ser uma teoria da mente envolvida no dualismo cartesiano e uma teoria da explicação que sai da mecânica newtoniana e gera uma descrição das ações humanas em

² Foi uma palestra dada em 1984 no Fórum de Psiquiatria e Humanidades em Washington, D.C. A primeira publicação foi em *Pragmatism's Freud: The Moral Disposition of Psychoanalysis*, Joseph H. Smith and William Kerrigan, eds. (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1986), pp. 1-27. Posteriormente, entrou em sua coletânea de ensaios: *Essays on Heidegger and Others* (Cambridge University Press, 1991), pp. 143-163. Todas as citações foram traduzidas pelo autor deste artigo, as exceções serão devidamente assinaladas.

³ Cf. Michael Lacewing, *Could Psychoanalysis be a Science?*, 2013, pp. 1103-1127, publicado em [The Oxford Handbook of Philosophy and Psychiatry](#), eds. (K.W.M. Fulford, Martin Davies, Richard G.T. Gipps, George Graham, John Z. Sadler, Giovanni Stanghellini, and Tim Thornton.).

⁴ Cf. SPENCE, 1982.

⁵ Em *Freud and beyond: a history of modern psychoanalytic thought*, Stephen A Mitchell e Margaret J Black apresentam um conjunto de autores que desenvolveram novas abordagens a psicanálise freudiana. Especialmente, no cap. 7, intitulado: Contemporary Freudian revisionists: Otto Kernberg, Roy Schafer, Hans Loewald, and Jacques Lacan. (Cf. MITCHELL, 1995, pp. 277-325).

termos de causa em vez de razões. Essas duas características da metapsicologia freudiana levam a psicanálise para o que Schafer chama de “o problema da discrepância” entre teoria e prática. A solução que ele oferece é trocar a metapsicologia mecânica-dualística de Freud por um sistema alternativo, chamado linguagem-ação. (SCHAFER, 1976, p. 6-15).

No presente artigo, identificaremos pontos de contato entre Rorty e Schafer em torno da psicanálise freudiana. Entre eles, podemos citar, a saber, uma visão alternativa à metapsicologia através de uma versão antiessencialista⁶ da psicanálise.

1 RORTY LEITOR DE FREUD

Rorty em seu artigo “Freud and Moral Reflection” (1991), elaborou uma interpretação da teoria freudiana com vistas às consequências morais. Ele observa que Freud se vê como parte do movimento de “descentralização” com Copérnico e Darwin. Isso ocorre quando Freud destitui a razão consciente da determinação das ideias e dos atos humanos, tirando do ego o poder absoluto de si ao afirmar que outras instâncias da mente também têm grande importância⁷. “O ego não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 1917 [2010], XIV, p.186)⁸, diz Freud e Rorty tenta compreender todas as consequências dessa afirmação.

De acordo com Rorty, a mecanização da natureza com Copérnico e Newton não alterava em nada a autoimagem do homem, nem dizia nada sobre como ele deveria viver. A diferença de Freud residiria no fato de que ele introduz uma visão que pode ser associada à consciência moral em termos de dar à mente a oportunidade de encontrar maneiras de expandir a mecanização. (RORTY, 1991, p. 144). Assim, segundo Rorty, a inovação verdadeiramente significativa está na mudança operada por Freud em nossa autoimagem. Se antes de Freud, o

⁶ O antiessencialismo na filosofia de Rorty é uma objeção ao essencialismo que procura a "realidade" escondida sob toda a "aparência". Rorty nega completamente essa maneira de ver as coisas; do ponto de vista rortiano, essa distinção (aparência/realidade) é uma relíquia de nossa tradição teológica que alguns filósofos contemporâneos criticaram. (RORTY, 1994b, pp. 47-71). Em relação a psicanálise, o antiessencialismo está relacionado a mudança de perspectiva da proposta freudiana de vincular sua disciplina as ciências da natureza, seja para resolver os impasses que essa vinculação ocasionaria, como no caso de Roy Schafer, seja para atribuir a Freud um papel central para reflexão moral, em Rorty.

⁷ No artigo de 1917, *Eine Schwierigkeit der Psychoanalyse (Uma dificuldade da Psicanálise)*, Freud trata de certa antipatia e da resistência perante a Psicanálise, devidas a um dos “três severos golpes” sofridos pelo “narcisismo universal” do homem, ou seja, em “seu amor-próprio”. O primeiro golpe, o cosmológico, dado pela teoria copernicana, marca a destituição da Terra da posição central do Universo; o segundo é o biológico, causado por Charles Darwin, pelo qual o homem é colocado no fluxo da evolução comum das espécies, sem nenhum privilégio. O terceiro, é o próprio Freud. (FREUD, 1917 [2010], XIV, pp. 179-187).

⁸ As obras de Freud envolvem problemas de tradução e discussões acerca do seu vocabulário, serão utilizadas as traduções de Paulo César de Souza. No entanto, optamos por traduzir o termo *Verdrängung* por Recalque, *Ich*, *Über Ich* e *Es* são substituídos pelos termos latinos que se consagraram no Brasil: *ego*, *superego* e *id*.

sujeito era pensado e identificado com a consciência, com ele e a partir dele é preciso perguntar pelo sujeito do inconsciente e por sua articulação com o eu consciente. A noção de sujeito centrado, dotado de razão e consciência, conhecido como sujeito cartesiano, vai dando lugar a uma nova concepção do sujeito.

Dessa forma, a psicanálise passa a elaborar uma teoria, defendendo que “o ego não é o senhor em sua própria casa”. (FREUD, 1917 [2010], XIV, p.186). Enquanto o cogito cartesiano aponta o eu como o lugar da verdade, o “cogito freudiano” revela que o eu é o lugar do ocultamento. São duas concepções de subjetividade completamente diferentes. Freud não aponta um novo campo da consciência, algo que se pudesse entender como a sua face oculta, mas um novo objeto, isto é, o inconsciente. A questão propriamente dita do sujeito sofre um descentramento radical.

Para Rorty, faz-se necessário entender os dois sentidos de inconsciente, presentes na obra freudiana⁹, para que a sua proposta de leitura seja aceitável. Vejamos:

- (1) um sentido que representa um ou mais sistemas bem articulados de crenças e desejos, sistemas que são tão complexos, sofisticados e internamente consistentes quanto as crenças e desejos conscientes dos adultos normais; e
- (2) um sentido que representa uma massa fervilhante de energias instintivas inarticuladas, um “reservatório de libido” para o qual a consistência é irrelevante. (RORTY, 1991, p. 149).

No segundo sentido, o termo inconsciente seria só outra designação de “paixões”, a parte animalesca aprisionada nos porões da alma, a má alma, etc. A consequência disso seria uma visão pautada na dicotomia razão/instinto em que o autoconhecimento é considerado como um processo de purificação em busca da parte pura e racional do homem. Tratar-se-ia de extirpar do “eu” verdadeiro as “impurezas” das paixões e dos instintos. Já o primeiro sentido, ao contrário, distante de se referir a algo animal, soturno e repulsivo, visaria a relação com o consciente como a de “parceiros conversacionais”¹⁰, ou seja, *quase-selves* astutos, criativos,

⁹ Freud pensou o inconsciente de duas formas, durante sua carreira: a primeira forma refere-se à “primeira tópica”, que foi dividida em três instâncias (consciente, pré-consciente, inconsciente), mas Freud entendeu os limites dessa concepção e então criou uma “segunda tópica”, construída sobre o tríptico ego, superego e id. Freud de fato define três instâncias presentes no ser humano, que governam seu comportamento, tanto consciente quanto inconsciente. Ou seja, a noção de inconsciente em Freud sofreu mudança de sentido quando ocorreu a reformulação das tópicas. Parece que os sentidos elencados por Rorty são mais genéricos e imprecisos do que a operada no seio da teoria psicanalítica. Ainda, chamo atenção que essa espécie de “antropomorfização” se encontra mais na segunda tópica. Thomas Nagel trata desse tema em *Freud's anthropomorphism*, publicado em *Philosophical Essays on Freud*, ed. Richard Wollheim and J. Hopkins, Cambridge, 1983.

¹⁰A ideia de “conversação” em Rorty advém de sua noção de filosofia como uma grande conversa, diálogo. A filosofia seria uma disciplina como as outras e em diálogo com elas, com critérios históricos e contingentes, que se ocuparia de mostrar as vantagens e desvantagens de visões de mundo em competição, em contraposição

inventivos, etc., em inter-relações. Assim, para demarcar o caráter estético de sua proposta, Rorty cita Rieff (RIEFF, 1959, p. 35) com aprovação, quando ele diz que, “Freud democratizou o gênio ao dar a todos um inconsciente criativo.” (RORTY, 1991, p. 149). De outra forma, podemos dizer que a autoimagem do homem como um intelecto, tendo que se ver às voltas com brutos irracionais – as paixões, os instintos animais –, dobra-se à outra, mais requintada, de dois ou mais intelectos que podem agir mutuamente entre si.

Justamente, segundo Rorty, o que é novo na visão freudiana é essa compreensão do inconsciente definido no primeiro sentido da citação, em que o inconsciente não é visto como tosco ou obtuso, mas como um par intelectualmente inventivo e tão articulado quanto o consciente. Essa perspectiva gera uma revisão em nossa autoimagem, pois substitui a ideia de uma parte racional dos seres humanos, lutando contra as paixões (as irracionalidades provindas de nossa parte animal) por uma ideia de rede de diversas crenças e desejos, de transações sofisticadas entre diferentes intelectos. Nessa concepção, o inconsciente pode ser interpretado como um sistema coerente internamente, de modo a equiparar-se com uma quase pessoa, ainda que diferenciada e estranha ao conjunto de crenças e desejos conhecidos e que denominamos consciência.

O interessante na redescritção antiessencialista do inconsciente oferecida por Rorty é que ela rompe com as dicotomias e as relações hierárquicas, tratando de conceber as instâncias psíquicas como equivalentes. Nessa concepção, o inconsciente pode ser interpretado como um sistema coerente interno, de modo a equiparar-se com uma quase pessoa, ainda que diferenciada e estranha ao conjunto de crenças e desejos conhecidos, que denominamos consciência. Segundo essa visão, nossa tarefa moral seria uma espécie de familiarização com o estranho em nós, nosso componente “irracional”. Só esse autoconhecimento vai nos permitir negociar entre nossas identidades e nossas “pessoas”. Esta noção de múltiplos “eus” é uma boa maneira de naturalizar e desmistificar a noção freudiana de inconsciente. (RORTY, 1994a, p. 78).

Outra característica dessa leitura é o abandono de toda explicação metapsicológica, ou seja, ao abandonar toda metapsicologia, supostamente implicada nas “metáforas energéticas, topográficas e econômicas”, Rorty procurará, no mesmo passo, integrar as descobertas psicanalíticas em outra chave, ao seu próprio projeto filosófico, o de uma pragmática, a partir do momento em que o psiquismo, em sentido amplo, passa a ser pensado como conjunto de

à filosofia como a responsável de oferecer a última palavra sobre o conhecimento, capaz de criticar e julgar as outras áreas da cultura. (cf. MATTIO, Eduardo. *La Construcción Pragmatista del Sujeto y de la Comunidad Moral*. Buenos Aires: Ed. Del Siglo, 2009, p. 38.). No caso de “parceiros conversacionais”, Rorty leva essa posição para as instâncias psíquicas da teoria de Freud, onde, para ele, não há nenhuma hierarquização das instâncias e elas operariam em uma grande conversação.

crenças e desejos. Nessa esteira, Rorty entende o processo analítico freudiano como um grande movimento de familiarização dessa rede diversificada de crenças e desejos, no intuito de lidar com a variedade de “quase-selves” como processo de auto engrandecimento [*self-Enlargement*], por se tratar de encontrar e conhecer a diversidade de aspectos existentes dentro de nós e não de encontrar o verdadeiro eu. Nisso, Rorty nos parece muito fiel ao propósito da psicanálise. É na possibilidade de descrição plural de vários discursos e práticas, mesmo aquelas aparentemente antagônicas numa mesma pessoa, que o auto engrandecimento toma o lugar do autoconhecimento. Podemos dizer que se trata de uma redescrição da máxima do Templo de Delfos – “conhece-te a ti mesmo!”; trata-se de substituir o afã religioso e metafísico de encontrar o “verdadeiro *self*”, pelo desejo de tornar conhecidos e comuns esses estranhos em nós, como uma nova obrigação moral.

Para Rorty, o “desenvolvimento moral no indivíduo e de progresso moral na espécie humana como um todo, é uma questão de refazer eus humanos, de modo a ampliar a variedade das relações que constituem os eus.” (RORTY, 1994, p. 79). O que Freud fez, foi proporcionar um instrumento apropriado para este processo de autocultivo, a psicanálise. Rorty vislumbra a estreita relação entre psicanálise e autocriação. A psicanálise é descrita como um dispositivo de ironização¹¹, na medida em que proporciona ao sujeito a possibilidade de um olhar irônico sobre o próprio eu e a própria história. Se não podemos mais arrolar uma verdade ou essência sobre o eu, como também sobre os fatos, a análise conduz o indivíduo a um trânsito incessante entre as diferentes versões propostas pelas diferentes instâncias psíquicas, processo que implica o desenvolvimento de uma saudável “tolerância às ambiguidades”, expressão que Rorty empresta de Rieff.

Com a seguinte passagem, encontramos a redescrição psicanalítica como instrumento de mudança:

A maturidade, de acordo com essa visão [que Rorty oferece de Freud], consistirá numa capacidade de perseguir novas redesccrições do nosso passado

¹¹ Para Rorty, o ironista é aquele que tem três características: I - tem “contínuas dúvidas sobre o seu vocabulário final”, porque teve acesso a vocabulários considerados finais por outras pessoas ou livros que tenha entrado em contato. Por vocabulário final, Rorty designa aquele conjunto de palavras que todo ser humano carrega e que é empregado para justificar suas ações, suas crenças e sua vida, II- percebe que os argumentos de seu vocabulário final não dissolvem nem subscrevem suas dúvidas e III - “não acha que seu vocabulário final é mais próximo da realidade do que outros.” (RORTY, 1989, p. 73). É alguém suficientemente historicista, para quem a ideia de que suas crenças e desejos mais importantes não se referem a algo que o ultrapassa, nem ao tempo e ao acaso. (RORTY, 1989, p. xv). O oposto do ironista é aquele que pensa haver resposta bem fundada ou algoritmos para resolver dilemas morais. No limite, o oposto do ironista é o teólogo, ou o metafísico, pois acredita numa ordem (além do tempo e da mudança) que determina a existência humana. Num artigo intitulado, Ironia (s) em Freud: Da escrita à ética, Inês Loureiro nos apresenta o ironismo em Rorty e como ele se diferencia de outras formas de ironia. (LOUREIRO, 2007).

– uma capacidade de assumir uma visão nominalista, irônica de nós mesmos. Ao transformar as partes da alma platônicas em companheiras de conversação umas das outras, Freud fez da variedade de interpretações do passado de cada um o que a abordagem baconiana da ciência e da filosofia fez à variedade de descrições do universo como um todo. Deixou-nos ver narrativas alternativas e vocabulários alternativos como instrumentos para mudança, em vez de candidatos a uma representação correta de como as coisas são em si mesmas. (RORTY, 1991, p. 152).

Esta é uma maneira de ver a construção da subjetividade como uma luta constante de aperfeiçoamento, em que o próprio sujeito é ator e autor de sua história e cujo sentido é fruto da criação constante de si mesmo. Rorty afirma que deveríamos tratar tudo como “produto do tempo e do acaso” e não como “quase divindade”. Essa é a postura de quem leva em consideração a contingência, segundo ele, postura comum a Freud.

2 ROY SCHAFFER: A PSICANÁLISE COMO NARRATIVA

Roy Schaffer considera que os impasses encontrados pela a teoria e pela clínica psicanalíticas podem ser solucionados com um “novo vocabulário”, abandonando o vocabulário metapsicológico¹². Ele propõe uma linguagem-ação para a psicanálise freudiana ser vista como uma disciplina histórica, desenvolvendo a tese de que o psicanalista deve ter uma visão histórica da vida do analisando como ação¹³. Ou seja, a psicanálise como uma disciplina interpretativa cujos praticantes têm por objetivo desenvolver um modo sistemático de descrever a ação humana.

Ao falar de qualquer aspecto da atividade psicológica ou ação, não devemos mais nos referir à localização, movimento, direção, quantidade absoluta, e assim por diante, pois esses termos são adequados apenas para coisas e entidades semelhantes. Assim, não falaremos de internalização, exceto no

¹² Bezerra Jr. elenca de maneira muito objetiva esses impasses: “Como afirmar a existência de ideias e estados num mundo privado da mente que só posso perceber sua presença quando se tornam reconhecíveis, isto é, quando há possibilidade de serem linguisticamente descritos? Como e em que condições uma “representação de palavra” e uma “representação de coisa” são conectadas como sendo representação de uma mesma “coisa”, se elas existem dissociadas e desconectadas entre si? Como solucionar o impasse criado quando afirmo que processos inconscientes obedecem a leis que são a princípio completamente diferentes das que regem a gramática dos processos conscientes, e, no entanto, apesar dessa diferença essencial de natureza, só posso falar de inconsciente usando as regras da elaboração secundária? [...] Se o inconsciente não pensa e suas atividades não podem ser descritas de modo proposicional, como ter acesso ao que não é descritível linguisticamente?”. (BEZERRA Jr., 1994, p. 130).

¹³ Cf. SCHAFFER, Roy. *A New Language for Psychoanalysis*, New York: Yale University Press, 1976; *The analytic attitude*, London: The Hogarth Press Ltd, 1983; *Narration in the Psychoanalytic Dialogue* em *Critical inquiry*, on narrative, v.7, n.1, Autumn 1980; e *Action Language and the Psychology of the Self. Annual of Psychoanalysis* 8, 1980a, pp. 83-92.

sentido de uma pessoa imaginar que está incorporando algo; pois, como não há outro interior concebível além do imaginário, não pode haver nenhum outro movimento concebível para este interior. Da mesma forma, não vamos falar de profundidade psicológica, impulsos que fundamentam as ações, descarga ou esgotamento de energia acumuladas ou deslocadas ou investidas. (SCHAFER, 1976, pp. 10-11).

Para Schafer, teóricos psicanalistas têm diferentes maneiras de persuadir seus seguidores e empregam diferentes princípios interpretativos, ou de melhor modo, diferentes estruturas narrativas para desenvolver seus próprios caminhos de fazer psicanálise e falar sobre o que fazem. Essas estruturas levam em conta que: ou Freud estava desenvolvendo um conjunto de princípios, compreensão e explicação do diálogo entre o analista e o analisando em termos mecânicos, ou que ele estabelecia um conjunto de códigos para gerar significado psicanalítico, reconhecendo esse significado em cada instância para ser apenas um dos vários tipos do que pode ser gerado (SCHAFER, 1980, p. 341).

Segundo Schafer, uma das estruturas narrativas encontradas para ler Freud é baseada na física newtoniana transmitida através dos laboratórios de fisiologia e neuroanatomia do século XIX. Essa descrição apresenta a psicanálise como o estudo da mente vista como uma máquina, ou no jargão freudiano, aparelho mental. Essa máquina é caracterizada pela inércia e trabalha como um sistema fechado. Armazena ou gasta um montante de energias fixas, dependendo da operação, ou seja, diminui a energia disponível em algumas operações e investe em outras. A máquina tem um mecanismo de funcionamento automático, como o de defesa, responsável pelos “*checks*” e “*balance*”. Essa narrativa assume completamente o determinismo: determinismo das forças newtonianas, sem espaço para responsabilidade e liberdade. Dessa forma, a psicanálise freudiana pode ser entendida como uma ciência natural, essencialista e positivista (SCHAFER, 1980, p. 343).

Como núcleo dessa narrativa temos a metapsicologia, coisa que Freud considerou indispensável para tornar sua disciplina científica. Schafer aponta, em conjunto à física newtoniana, o dualismo cartesiano como fundamento da metapsicologia. Em conferências introdutórias, Freud afirma:

Não queremos apenas descrever e classificar os fenômenos, mas compreendê-los como sinais de um jogo de forças na psique, como manifestação de tendências (intenções) dotadas de meta, que trabalham em consonância ou dissonância uma com as outras. Esforçamo-nos em obter uma *concepção dinâmica* dos fenômenos psíquicos. Nessa nossa concepção, os fenômenos percebidos devem ficar em segundo plano perante tendências apenas supostas. (FREUD, 1916[2014], XIII, p. 71).



Podemos encontrar essa maneira de descrever os eventos psíquicos em várias partes da obra freudiana. Para Schafer, há nesta maneira de descrever os fenômenos psíquicos a suposição da mente como um lugar com quantidade de energias, barreiras, uma entidade espacial, contendo os estados mentais ou processos psicológicos, tais como “inconsciente dinâmico”, “energia libidinal”, “funções autônomas do ego”, etc.

Por essa perspectiva, Freud criou a psicanálise dentro de uma tradição essencialista e positivista da ciência natural¹⁴. Contudo, não precisamos ser aprisionados por seus compromissos científicos. Schafer escreveu:

Os termos da metapsicologia freudiana são os de ciência natural. Freud, [Heinz] Hartmann e outros usaram deliberadamente o vocabulário de forças, energias, funções, estruturas, aparelhos e princípios para estabelecer e desenvolver psicanálise na linha de uma psicobiologia physicalista. É inconsistente com o tipo de linguagem científica falar de intenções, significados, razões, subjetividade ou experiência. [...] [então], as razões se tornam forças, as ênfases tornam-se energias, a atividade se torna função, os pensamentos se tornam representações, os afetos se tornam descargas ou sinais, atos tornam-se resultantes e formas particulares de lutar com a inevitável diversidade de intenções, sentimentos e situações tornam-se estruturas, mecanismos e adaptações. (SCHAFER, 1976, p. 103).

As explicações gerais e interpretações que Freud deu sobre seus casos clínicos podem ser lidas de outra forma. Schafer diz:

Devemos considerar cada processo psicológico, evento, experiência ou comportamento como algum tipo de atividade, doravante denominado ação, e designar cada ação por um verbo ativo que declara sua natureza e por um advérbio (ou locução adverbial), quando aplicável, indicando o modo dessa ação. [...]. Devemos entender a palavra ação para incluir toda a atividade psicológica privada que pode ser tornada pública através do gesto e do discurso, como o sonho e o pensamento tácito da vida cotidiana, bem como todas as atividades públicas iniciais, como a fala comum e o comportamento motor, que tem algum objetivo, propriedades direcionadas ou simbólicas. (SCHAFER, 1976a, pp. 9-10).

Para Schafer, existem estruturas narrativas na psicanálise que implicam duas formas coordenadas: a) o desenvolvimento humano e b) o curso do diálogo psicanalítico. Longe de ser

¹⁴ Para Bezerra Jr. “esse essencialismo foi acentuado pelo cientificismo frequentemente presente em Freud. Várias vezes ele expressou a expectativa de que a psicanálise fosse agraciada com a dignidade reconhecida às ciências. Isso significava ter que oferecer explicações casuais, e não meramente intencionais (entendidas como incompatíveis e excludentes entre si). [...] [Neste sentido], explicar cientificamente significava revelar como as coisas se passavam “em si mesmas” no sujeito, e não apenas descrevê-las de modo a permitir ao sujeito uma narrativa plausível do que antes lhe parecia irracional, absurdo, ou sem sentido.” (BEZERRA Jr., 1994, p. 131).

narrativas secundárias sobre dados coletados em análise, essas estruturas provêm de narrativas primárias que estabelecem o que conta como dado. Uma vez instalados como principais estruturas narrativas, são tomados como certos para desenvolver relatos coerentes da vida e da técnica (SCHAFER, 1980, p. 341).

Ao apresentar a psicanálise em termos narrativos, Schafer parece levar adiante o projeto de aceitar que não há dados psicanalíticos objetivos, autônomos ou puros, como Freud disse ter encontrado. Especificamente, não existe um relato único, necessário e definitivo da história de uma vida, da psicopatologia, da influência social sobre a personalidade, ou do método psicanalítico e dos seus resultados. O que tem sido apresentado como dados empíricos simples são inseparáveis dos pressupostos pré-críticos e inter-relacionados do investigador sobre as origens, a coerência, a totalidade e a inteligibilidade da ação pessoal (SCHAFER, 1980, p. 342).

Dessa forma, as estruturas narrativas são importantes não porque analisam “dados”, tal como o projeto inicial de Freud, mas porque nos dizem o que deve ou não “ser considerado dado” na história que está sendo construída. Isso é importante porque não há interpretações definitivas. Há interpretações que fazem sentido, outras não. Os dados não são encontrados, são construídos ou constituídos ou, até mesmo, buscados (SCHAFER, 1980, p. 342).

Schafer levantou questões sobre o alcance da teoria psicanalítica, a ideia de interpretação e o abandono da metapsicologia, temáticas próximas das rortyanas, com uma preocupação de revisar os conceitos psicanalíticos de maneira tal que poderíamos abandonar o mentalismo encontrado nas formulações de Freud¹⁵.

3 REDESCRIÇÃO COMO LINGUAGEM-AÇÃO: RORTY E SCHAFER

¹⁵ Podemos sumariamente dizer que mentalismo se refere à doutrina filosófica que atribui a entidades mentais, processos e estados inobserváveis (intenções, desejos, crenças, etc.) – todas eles internos –, a causa do comportamento humano: a mente explica o comportamento e não o inverso. Para Bezerra Jr. existem várias maneiras de entender o desenvolvimento das teorias psicanalíticas, e ele esboça, de maneira sintética, três delas: a versão mentalista, estrutural e pulsional (BEZERRA Jr., 1994, p. 129). Segundo ele, a versão mentalista está fundamentada numa visão da linguagem como representação do mundo, uma teoria representacional da linguagem. A ideia principal é que nossa mente espelhe a natureza e nos dê representações diretas do mundo. Essa ideia é fundamental para o projeto da epistemologia moderna, e no século XIX era hegemônica. A estrutural, diz respeito a uma nova leitura da psicanálise baseada em uma outra concepção de linguagem, que veio com uma combinação da linguística de Saussure e a antropologia de Lévi-Strauss realizada por Lacan. (BEZERRA Jr., 1994, p. 133). E a pulsional, é aquela que, ao criticar as concepções estruturalistas, realizam uma defesa da importância da dimensão propriamente econômica do psiquismo. Tomam a questão da força como fundamental no entendimento do psiquismo. (BEZERRA Jr., 1994, p. 139).

Para Rorty, “precisamos de menos metodologia e metafísica” (RORTY, 1980, p.177) na teoria freudiana, a favor de avançar na reflexão do âmbito prático. Uma das estratégias argumentativas de Rorty para esse movimento, consiste na ideia de redescrição. Para dizer um pouco mais sobre o que envolve a redescrição rortyana em sentido geral, talvez seja melhor ir direto às palavras do autor:

A Filosofia interessante raras vezes é um exame dos prós e contras de uma tese. Em geral, de maneira implícita ou explícita, é uma disputa entre um vocabulário arraigado, que se transformou num incômodo e um novo vocabulário, parcialmente formado, que traz a vaga promessa de coisas grandiosas. Este último ‘método’ da filosofia [...] consiste em descrever muitas e muitas coisas de novas maneiras, até criar um padrão de comportamento linguístico que tente a geração em ascensão a adotá-lo, com isso fazendo-a buscar novas formas apropriadas de comportamento não linguístico [...] Tentarei fazer com que o vocabulário que prefiro pareça atraente, mostrando como é possível usá-lo para descrever uma variedade de tópicos. (RORTY, 1989, p. 9).

Rorty está decidido, em sua afirmação, de que nós podemos substituir vocabulários antiquados, herdados de longa data, por novos, simplesmente porque estes são, em certo sentido, mais úteis. Essa abordagem é uma consequência direta de sua visão de mundo pragmática.

Podemos dizer que para Schafer a linguagem-ação seria uma técnica a ser implementada em psicanálise, pelo qual o paciente é levado a redescrever alguns de seus estados mentais. A ideia é que certos analisandos sofrem, em parte, por ter perdido de vista o fato de que a presença de estados mentais, tais como desejos, crenças e similares são, em grande parte, de sua responsabilidade. Eles esqueceram que esses estados são ações realizadas, em vez de conteúdo mental a ser descoberto – e, portanto, que esses são eventos em relação aos quais são responsáveis. Dessa maneira, ações deletérias e/ou provocadoras de sofrimento são candidatas à redescrição.

[Analisandos] falam ao analista sobre eles mesmos e sobre os outros no passado e no presente. Ao fazer interpretações, o analista reconta essas histórias. Ao recontar, certas características são acentuadas enquanto outras são colocadas entre parênteses; certas características são relacionadas com outras de um jeito novo ou pela primeira vez; algumas características são desenvolvidas posteriormente, talvez em longos períodos. Esse recontar é feito ao longo do processo psicanalítico. [...] O produto final desse entrelaçamento de textos é uma maneira radicalmente nova de trabalho conjunto. Pode-se dizer que no decurso da análise, desenvolve-se um conjunto de novas narrações mais ou menos coordenadas, cada uma correspondendo a



períodos de intenso trabalho analítico sobre certas questões principais. (SCHAFER, 1980, p. 346).

Aqui, Schafer reafirma a psicanálise como um processo essencialmente narrativo, produzido em coautoria entre analisando e analista. Neste esforço cooperativo, o analisando fornece a história, envolvendo certas alternativas práticas, como se sente, os desejos que podem motivá-lo, a relação entre esses desejos, valores e compromissos, e assim por diante. Enquanto isso, o analista auxilia o analisando na formação do que é dito, sugerindo uma sequência coesa de eventos em que o analisando é alçado à personagem principal.

A abordagem de Schafer e a sua maneira de ver a psicanálise, procurando tratá-la de forma contingente¹⁶, converge para a ideia de redescrição antiessencialista de Richard Rorty. A pessoa, como praticante da ação, não pode ser obrigada por qualquer coisa “interna” ou “exterior” ou “mais profunda” a fazer isso ou aquilo. O conceito de redescrição, em Rorty, captura o sentido que Schafer espera restituir sobre nossa compreensão do tratamento psicanalítico e sobre os processos aí envolvidos. É a tentativa de contar novas histórias sobre nós, sem a necessidade de apelar para a busca do verdadeiro eu ou de uma essência, que se encontraria no fim da investigação. Redescrevendo, estamos esquadrihando diversos aspectos da nossa história que, segundo Rorty, nos habilita a suportar uma certa ambiguidade de nossa relação com o mundo, o que teria como consequência, o *self* estar continuamente construindo narrativas sobre seu lugar no mundo. Essas narrativas pessoais não estariam subsumidas em nenhuma narrativa maior.

A ideia de Rorty sobre o *self*, como uma “rede sem centro de crenças e desejos historicamente condicionados”, em vez de ser uma entidade preexistente que “tem essas crenças e desejos”, desafia os indivíduos não a descobrirem a sua “verdadeira essência”, mas a criarem uma descrição de sua experiência, de suas crenças e paixões, que formariam uma narrativa coerente, sendo sempre um ato de criação, ao invés de descoberta. O autoconhecimento, para Rorty, significa autocriação. A autocriação é um processo dialético, no sentido de que para uma pessoa ser realmente capaz de redescrever sua vida com uma narrativa significativa, ela deve primeiro aceitar a sua própria contingência e o que isso significa. Nessa visão estetizada de Rorty, da vida vista como arte ou literatura, uma psicanálise como apresentada por Roy Schafer é a mais conveniente. A redescrição de um conjunto contingente de crenças e desejos em uma

¹⁶ Schafer escreveu: “Escolhi desenvolver uma alternativa à linguagem eclética do mecanismo, força, estrutura, etc. [i.e., uma alternativa à metapsicologia freudiana]. Numa linguagem-ação [...] Ao desenvolvê-la, usei, da melhor forma possível, certas ideias de escritos filosóficos modernos sobre existencialismo, fenomenologia, mente e ação; e.g., de Binwanger, Sartre, Wittgenstein, Ryle e outros.” (SCHAFER, 1976a, pp. 7-8).

narrativa original e criativa é equivalente a tomar a psicanálise como linguagem-ação, onde a psicanálise freudiana passa a ser apresentada como uma disciplina interpretativa cujo objetivo é desenvolver narrativas: uma maneira sistemática de descrever a ação humana, sem recorrer a aspectos mentalistas. Através do discurso, segundo Schafer, o analisando narra os acontecimentos passados, trechos de histórias vividas, suas impressões e percepções, as cenas traumáticas, os episódios conflituosos, enfim, toda sorte de construções narrativas das ações possíveis de significação, e o psicanalista constrói junto com o analisando uma narrativa que, para ele, faça mais sentido.

Essa interpretação narrativa da teoria psicanalítica tem por pressuposto que a história inteira do indivíduo seja o movimento de histórias não narradas e recalçadas em direção a histórias efetivas que o indivíduo poderia tomar em troca e ter como matéria prima para constituir seu *self*. Esse é o processo de conhecer as “quase-pessoas” em nós, como na visão de Rorty. É a busca de familiarizar-se com essas histórias alternativas, não tematizadas e recalçadas que, segundo Rorty, abre o caminho para um progresso moral.

Trata-se, portanto, de uma conexão entre fatos aparentemente não relacionados que ganham inteligibilidade por meio da narrativa e por isso possibilita redescrever-se de maneira nova, podendo gerar novos indivíduos e por que não, novas maneiras de ser no mundo. Rorty e Schafer fazem avançar profundamente essa ideia, uma espécie de espiral baseada em contar e recontar, interpretar e reinterpretar histórias pessoais, o que seria, para ambos, o movimento próprio da psicanálise.

Desse modo, a verdade da experiência psicanalítica não é descoberta, é criada¹⁷. A meta terapêutica passa da verdade científica para a inteligibilidade narrativa, seja em Rorty, seja em Schafer. O psicanalista passa de um arqueólogo das profundezas da alma para um romancista

¹⁷ Rorty argumenta que o mundo é causalmente independente de nós, mas que não é descrito independente de nós. Com esta distinção podemos ver a perspectiva holista da linguagem e do conhecimento defendida por Rorty, “explicar todas as propriedades relacionais de alguma coisa – todas as suas causas e seus efeitos – é explicar a coisa em si própria” (RORTY, 1998, p. 99), de modo que, a partir dessa perspectiva, todo objeto (como a mente ou um carro) só existe sob uma descrição (1998, p. 105), e quando a descrição se modifica, se modifica o objeto. Estas alegações constituem a negação da existência de propriedades intrínsecas (não passíveis de descrição) em qualquer coisa, mas Rorty pretende que elas não sejam a negação do mundo, que existe independentemente de nós. Podemos dar um exemplo para ilustrar esse ponto: em 2006, o até então planeta Plutão deixou de ser considerado planeta. Isso ocorreu pela descoberta de outros corpos celestes similares e até maiores que Plutão. Os astrônomos tiveram que fazer uma escolha, ou incluir estes corpos também como planetas do sistema solar, ou criarem uma nova categoria para Plutão. Eles decidiram designar Plutão de “planeta anão” e os outros de “planetas principais”. Com esse exemplo da ciência, o argumento da “relatividade das descrições aos propósitos”, de Rorty, ganha força. Para Rorty, “a investigação visa ser-nos útil, e não fazer um relatório acurado das coisas em si” (RORTY, 1994a, p. 127). Assim, a experiência psicanalítica, um planeta ou a mente são assim, porque assim os descrevemos, por que consideramos deles as características que satisfazem a nossos objetivos. Cf. Relativismo: Encontrar e fabricar. Em CÍCERO, Antonio; SALOMÃO, Waly. (orgs.). *O relativismo enquanto visão de mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994a, pp. 115-134.

criativo, que abandona a tentativa de construir um quadro verdadeiro do passado e encontra seu desafio em construir narrativas auto coerentes. Tomar a explicação psicanalítica como narrativa é levar a sério a ideia de que nossa mente não é um teatro interno onde as representações se apresentam, assistidas por um olho interior, à moda cartesiana, e sim, um conjunto de narrativas por nós construídas para justificar o que pensamos e como agimos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como James Tartaglia afirma, as interpretações operadas por Rorty podem, frequentemente, ser consideradas tão “entusiasmantes” quanto “imprecisas e evasivas”, perspectiva de que Pablo de Greiff partilha¹⁸. Oferecemos um esboço da interpretação rortyana de Freud, tentando pontuar em linhas gerais a sua leitura. Na redescrição do inconsciente que Rorty oferece, o inconsciente pode ser interpretado como um sistema coerente internamente, de modo a equiparar-se a uma “quase-pessoa”, ainda que diferenciada e estranha ao conjunto de crenças e desejos conhecido e denominado consciência. A distinção operada no seio da ideia de inconsciente demonstra claramente que Rorty opta por um dos seus significados excluindo o outro e, sendo essa escolha não gratuita, cumpre um propósito. Rorty tem em vista uma forma de reflexão moral que é possibilitada por essa escolha.

De maneira semelhante a Rorty, Roy Schafer considera que os problemas que a teoria e a clínica psicanalíticas encontram, podem ser solucionados com um “novo vocabulário”, abandonando o vocabulário metapsicológico. Ele propõe uma “linguagem-ação” para a psicanálise freudiana ser tomada como uma disciplina histórica, desenvolvendo a tese de que o psicanalista deve ter uma visão histórica da vida do analisando como ação, ou seja, a psicanálise como uma disciplina interpretativo-descritiva em termos de ação humana.

Schafer despe o vocabulário freudiano de toda dimensão metapsicológica. Em vez de falar de energia libidinal, pulsão, aparelho psíquico, etc., fala sobre experiências individuais. A noção de linguagem-ação proposta por ele envolve uma estratégia para ouvir, reconhecer, traduzir, interpretar e organizar as ações do indivíduo, isto é, refere-se a uma abordagem que visa justificar a existência das atividades conscientes ou inconscientes – os atos mentais internos – externalizados por meio de palavras ou gestos, para que esses atos mentais possam estar relacionados a conflitos, sentimentos e emoções, desejos e crenças que o indivíduo expressa.

¹⁸ (TARTAGLIA, 2007, p. 23); (GRIEFF, 1990, pp. 51-64).

A explicação para esses autores, em termos de narrativa, é suficiente para entender a psicanálise e seu caráter inovador. Sem dúvida, as redescrições de ambos formam um retrato comum da teoria freudiana, no sentido de oferecer uma contrapartida para o que Freud imaginava do psiquismo, em termos de competição de forças, aparelho e estruturas. Eles propõem ignorar as explicações metapsicológicas, envolvidas por um vocabulário mentalista, e abordar a psicanálise como processo essencialmente narrativo.



REFERÊNCIAS

- BEZERRA Jr, Benilton. Descentramento do sujeito – versões da revolução copernicana de Freud. In: COSTA, Jurandir Freire (org.). *Redescrições da psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, pp. 119-167.
- FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias à psicanálise (1916)[2014]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Sergio Tellaroli, revisão Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. London: Imago Publishing Company, 1940-52.
- GREIFF, Pablo. Salvando a Wittgenstein de Rorty: um ensayo sobre los usos del acuerdo. In: *Ideas y Valores*, Universidad Nacional de Colombia, v. 39, n. 82, jan-1990, pp 51-64.
- LACEWING, Michael. Could Psychoanalysis be a Science? In: *The Oxford Handbook of Philosophy and Psychiatry*. eds. (K.W.M. Fulford, Martin Davies, et al.). United Kingdom: Oxford University Press, 2013, pp 1103-1127.
- LOUREIRO, Inês. Ironia(s) em Freud: Da escrita à ética. In: *Ide* (São Paulo) [online], v.30, n.45, 2007, pp. 13-19.
- MITCHELL, Stephen A. BLACK, Margaret J. *Freud and beyond*. A history of modern psychoanalytic thought. New York: Basic Books, 1995.
- MATTIO, Eduardo. *La Construcción Pragmatista del Sujeto y de la Comunidad Moral*. Buenos Aires: Ed. Del Siglo, 2009.
- NAGEL, Thomas. Freud's anthropomorphism. In: *Philosophical Essays on Freud*, ed. Richard Wollheim and J. Hopkins. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, pp 228-240.
- RIEFF, Philip. *The Mind of The Moralist*. London: Methuen, 1959.
- RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*. Princeton: Princeton University Press, 1979.
- RORTY, Richard. Freud, Morality, and Hermeneutics. *New Literary History*, v. 12, n.1, 1980, pp.177-185.
- RORTY, Richard. Freud and Moral Reflection. In: J. H. Smith & W. Kerrigan (Eds.). *Pragmatism's Freud. The moral disposition of psychoanalysis*. Baltimore, USA: The Johns Hopkins University Press, 1986, pp. 1-27.
- RORTY, Richard. *Contingency, Irony, and Solidarity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- RORTY, Richard. *Essays on Heidegger and Others: philosophical papers*. Cambridge University Press, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511609039>.
- RORTY, Richard (ed.), *The Linguistic Turn – Essays in Philosophical Method*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- RORTY, Richard. Relativismo: Encontrar e fabricar. In: CÍCERO, Antonio; SALOMÃO, Waly. (orgs.). *O relativismo enquanto visão de mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, pp. 115-134.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. 3ª Ed. Trad. Antonio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- RORTY, Richard. *Truth and Progress – Philosophical Papers III*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- RORTY, Richard. *Ensaio sobre Heidegger e outros*. Trad. Eugénia Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

- RORTY, Richard. Ethics Without Principles (1994a). In: *Philosophy and Social Hope*. London: Penguin Books, 1999. pp. 72-90.
- RORTY, Richard. A World without Substances or Essences (1994b). In: *Philosophy and Social Hope*. London: Penguin Books, 1999. pp. 47-71.
- SCHAFFER, Roy. *A New Language for Psychoanalysis*. New York: Yale University Press, 1976.
- SCHAFFER, Roy. Metapsychology and Action Language. In: *A New Language for Psychoanalysis*, New York: Yale University Press, 1976a, pp. 3-15.
- SCHAFFER, Roy. Action Language and the Psychology of the Self. In: *Annual of Psychoanalysis*, v.8, 1980a, pp. 83-92.
- SCHAFFER, Roy. Narration in the Psychoanalytic Dialogue. In: *Critical inquiry*, v.7, n.1, 1980b, pp. 29-53.
- SCHAFFER, Roy. *The analytic attitude*, London: The Hogarth Press Ltd, 1983.
- SCHAFFER, Roy. Narration in the Psychoanalytic Dialogue (1980). In: *Essential paper on literature and psychoanalysis*, New York University Press, 1993, pp. 341-368.
- SCHAFFER, Roy. *Un nouveau langage pour la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- SPENCE, Donald P. *Narrative Truth and Historical Truth: Meaning and Interpretation in Psychoanalysis*. New York: Norton, 1982.
- SPENCE, Donald P. *A metáfora freudiana – para uma mudança paradigmática da psicanálise*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- TARTAGLIA, James. *Rorty and The Mirror of Nature*. New York: Routledge, 2007.

